

# CORPO E CIDADE NO SERTÃO PERNAMBUCANO: ARTE, DIÁLOGO SOCIAL E NOVAS IDEIAS

Juliano Varela de Oliveira<sup>1</sup>

*Resumo:* O século XXI surgiu num contexto em que o ambiente urbano passou a ser visto como espaço aglutinador de inovações tecnológicas e grandes problemas sociais. As cidades vêm se tornando locus de uma convivência humana ao mesmo tempo encantadora e caótica. Corpo e cidade estão co-implicados numa dinâmica processual de transformações socioculturais e espaciais, por meio da qual a vida dos indivíduos e o significado dos lugares adquirem uma característica singular na contemporaneidade: a imbricação e a mudança de sensações. Ao mesmo tempo em que a cidade atrai, ela expulsa, repugna. Ao mesmo tempo em que o corpo se adapta à cidade, ele se revolta contra ela. Com base nisso, o trabalho objetiva apresentar os primeiros resultados de uma pesquisa que vem sendo realizada no âmbito do Laboratório de Estudos, Experimentos e Vivências em Artes Cênicas e Cidades (Laborarte) com alunos do IF Sertão PE (Campus Ouricuri) e comunidade em geral. O intuito da pesquisa é efetivar uma dinâmica artística de leitura e compreensão da cidade. Como resultado, vem sendo possível observar a expansão do diálogo entre indivíduos e seus lugares de vida, na perspectiva da construção de novas ideias para o Sertão Pernambucano.

*Palavras-Chave:* Corpo, Cidade, Arte, Diálogo social, Novas ideias.

*Abstract:* The 21st century emerged in a context in which the urban environment came to be seen as a unifying space of technological innovations and major social problems. The cities have become the locus of fascinating and chaotic human relationship. Body and city are coimplicated in a procedural dynamics of sociocultural and spatial transformations, through which the lives of the individuals and the meaning of places acquire a unique feature in the contemporary world: the overlapping and changing sensations. At the same time that the city attracts, it expels, rejects. At the same time that the body adapts to the city, it rebels against it. On this basis, the study aims to present the first results of a research that has been being carried out within the Laboratory of Studies, Experiments and Experiences for Performing Arts and Cities (Laborarte) with students of the Instituto Federal do Sertão Pernambucano — Campus Ouricuri, and the general community. The aim of the research is to consolidate an artistic dynamic process of reading and understanding of the city. As a result, it has been possible to observe the ex-

---

<sup>1</sup> Professor de Sociologia do Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IF/SERTÃO/PE, Campus Ouricuri); Coordenador do Laboratório de Estudos, Experimentos e Vivências em Artes Cênicas e Cidades (LABORARTE); Doutorando em Desenvolvimento Urbano na Universidade Federal de Pernambuco (MDU/UFPE); bolsista da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (Facepe). Endereço eletrônico: juliano.varela@ifsertao-pe.edu.br.

pansion of the dialogue between individuals and their places of living in view of the construction of new ideas for Sertão Pernambucano  
*Keywords:* Body, City, Art, Social dialogue, New ideas.

## 1 CORPO E CIDADE EM RELAÇÃO MÚTUA

As últimas décadas do século XX já mostravam o ambiente urbano como espaço aglutinador de inovações tecnológicas e problemáticas sociais gigantescas. As cidades se tornaram, assim, *locus* de uma convivência humana ao mesmo tempo encantadora e caótica. O ambiente urbano se configura, nesse contexto, num espaço onde se fundem “quereres” e “repulsas”; onde convergem, ao mesmo tempo, sentimentos e corpos que se repelem e se atraem.

A cidade é percebida pelo corpo como conjunto de condições interativas e o corpo expressa a síntese dessa interação configurando uma corpografia urbana: uma espécie de cartografia corporal, em que não se distinguem o objeto cartografado e sua representação, tendo em vista o caráter contínuo e recíproco da dinâmica que os constitui (BRITTO, 2010, p. 14).

Assim, passada a primeira década do século XXI, o que se observa é que mesmo com todos os problemas urbanos existentes, a grande maioria das pessoas preferem as grandes cidades ao interior de seus lugares de origem.

Quem vive nas cidades habita um ambiente onde se proliferam fobias, medos, pânicos, impasses ambientais e problemas de infraestrutura quase na mesma proporção em que os números de habitantes e de automóveis aumentam. A cidade se espraia, cresce, se propaga como um “microbóio” que, patologicamente, vai tomando conta de corpos que se veem acometidos por uma vida urbana que mescla sinais de doença e de saúde. Ela é uma “coisa objeto”, um “espaço-território-comunidade”, mas acima de tudo, é uma experiência humana, cujo conhecimento sensitivo experiencial está mais sob o domínio dos que a vivem do que dos que a estudam. O corpo faz e é feito pela cidade.

O que nos move a habitar essas cidades? Como elas estarão nos próximos anos? Como estaremos nós, seres humanos urbanos, nesse ambiente de caos e magia?

Na cidade, a cultura urbana também é construída; a comunicação, as relações interpessoais. Sob essa ótica, o corpo se transforma, se constrói e se reconstrói em meio a sensações e práticas de encanto, magia e esquizo-

frenia. A cidade ao mesmo tempo em que nos chama para ela, nos espanta. O corpo muda, se metamorfoseia.

Deste modo, como nosso corpo se posiciona nesse ambiente? Que relações são e serão possíveis? Que imbricamentos ou distanciamentos podem ocorrer entre o corpo e a cidade nos dias atuais?

A experiência de viver a cidade, num estilo de vida urbana específico, pois diferente de quem vive, por exemplo, o campo ou o litoral, impregna o corpo de quem a vivência, transformando-o, configurando uma corporalidade própria. Ou seja, quem vive a cidade experimenta sensações únicas, impactantes e profundamente transformadoras, tanto para o querer, quanto para a repulsa.

A cidade é um ambiente processual (de pessoas, de histórias, de objetos, de ideias, de destinos, etc.) ou um “campo de processos” (BRITTO, 2010), onde essas sensações se tornam mais aguçadas e perceptíveis. Os sentimentos afloram quase que instantaneamente ao se adentrar na cidade. Claro que todo ambiente gera sensações ao corpo, mas na cidade essas sensações são percebidas mais rapidamente e de maneira mais visceral.

A cidade não “é”, ela “está sendo”! Ela muda seu curso, sua linha do tempo, suas relações. Seu contexto é relacional, processual, mutante. Nesse âmbito, a relação entre corpo e cidade pode ser entendida como um “sistema complexo não linear” que configura a corporalidade de seus habitantes, bem como oportuniza a continuidade dessa mesma corporalidade, numa dinâmica de coimplicação entre corpo e cidade (Id., p. 15).

Do ponto de vista artístico está claro o florescente interesse em se construir novas ideias a respeito da relação entre corpo e cidade: as relações entre esses dois “agentes” oportuniza inúmeras possibilidades de criação, linguagens, estéticas e sensações. Sob o prisma acadêmico, o interesse vem crescendo nas duas últimas décadas, sobretudo no que tange ao papel protagonista do corpo (ou do homem) como “medida de todas as coisas” (HARVEY, 2006).

A ressurreição do interesse pelo corpo nos debates contemporâneos de fato oferece, dessa maneira, uma bem-vinda oportunidade de reavaliação das bases (epistemológicas e ontológicas) de todas as formas de investigação científica (Id., p. 136).

O corpo, assim como a cidade, se transforma sempre.

[...] o corpo é um projeto inconcluso, de certo modo maleável histórica e geograficamente. [...]. [Ele] não é uma entidade fechada e lacrada, mas uma

“coisa” relacional que é criada, delimitada, sustentada e em última análise dissolvida num fluxo espaço-tempo de múltiplos processos (Id., p. 136-137).

Contudo, não é somente um mero objeto de manipulação do ambiente ou do sistema em que vive, apesar de ser, como expressa Foucault (1997), um ente disciplinado e governado por processos de subjetivação calcados nas relações de poder-saber da sociedade moderna. Porém, como bem pontua Mendes (2006, p. 178), Foucault destaca que suas concepções sobre o “corpo disciplinado” sejam relativizadas de acordo com o contexto histórico do momento.

Ainda segundo Mendes (2006), nessa relativização, por um lado, é possível enxergar a passagem das “sociedades disciplinares”, ou da punição, estudada por Foucault, para as “sociedades do controle”, estudada por Deleuze (1998), como surgimento de novas formas de dominação do corpo. Os corpos, os homens, estão agora imersos numa dinâmica em que são controlados para seguirem uma conduta construída socialmente como correta. Estamos todos submetidos aos ditames do controle.

Por outro lado, ganha destaque, também, a ideia de que o corpo na contemporaneidade também é agente de suas experiências em relação ao ambiente em que vive, podendo ser, assim, protagonista de sua atuação. O corpo, em sua existência e na experimentação do ambiente (da cidade), é capaz de organizar seu espaço, de contestá-lo e, a despeito do expressivo poder que o ambiente exerce sobre ele, é dotado de força capaz de “não se entregar tão somente”, transformando, por conseguinte, como destaca Harvey (2006, p. 138), sua experiência com o espaço-tempo. O corpo é assim, segundo o autor, uma “máquina desejante” e também um “corpo político”. Há, portanto, nesse cenário, uma interação sensorial entre o corpo e o seu mundo (Id., p. 40).

Nesse aspecto, o corpo não é somente objeto de moldes por meio dos quais o capitalismo (que determina o ambiente externo) interfere nas concepções internas dos corpos e nas relações entre estes. Dentro dessa dinâmica, é possível enxergar “[...] processos transformadores advindos da resistência, do desejo de reforma, da rebelião e da revolução humanos” (Id., p. 141).

O corpo do trabalhador, por exemplo, que se transfigura na dinâmica exaustiva do trabalho, é o mesmo que pode se conscientizar de sua situação de exploração, oportunizando a revolta, a organização e a revolução contra o sistema. Desta forma, sublinha Harvey (p. 149):

O foco principal da crítica de Marx ao capitalismo é que ele viola, desfigura, subjuga, danifica e destrói a integridade do corpo que trabalha (até de maneiras que podem ser arriscadas para a continuidade da acumulação do capital). É ademais, em termos das potencialidades e possibilidades desse corpo que trabalha (sua “condição de espécie”, como diz Marx em seus primeiros trabalhos), que a busca de um modo alternativo de produção toma sua forma inicial.

Contudo, o que se infere destas e de tantas outras reflexões sobre o corpo na relação direta com seu meio (ambiente, espaço, território, local, cidade, etc.), é a capacidade que cada indivíduo possui, mesmo que em muitas ocasiões escamoteada pelo pensamento da ideologia dominante, de refletir sobre sua inserção nesse meio e de como é possível, em movimento mútuo, uma dupla transformação: do corpo e do meio.

Ao caracterizar esse meio como sendo o ambiente urbano, com todas as suas características bastante peculiares, pode-se enxergar uma vasta gama de possibilidades de relações transformadoras, que faz da cidade *locus* de experiências estéticas e sociais sintetizadoras do espírito mutante da contemporaneidade. A arte, nesse contexto, protagoniza, socialmente, a encarnação de um papel crucial, que é o da ascensão espiritual (humana) da construção do conhecimento universalizante e emancipatório.

Em suma, o conhecimento de seu “ser essência”, de sua realidade, de seu entorno e de seus pares, em primeira instância, é crucial ao indivíduo que deseja se posicionar perante o mundo. Em seguida, a reflexão sobre esse mundo, sobre o que lhe é externo, sobre o que interfere e como interfere em sua vida também se faz necessária. E nessa amálgama de corpos e ambientes, a arte se apresenta como possibilidade de estreitamento desse indivíduo com o conhecimento.

Na dinâmica da vida urbana, o corpo pode se portar de maneira pró-ativa na perspectiva de não se “deixar levar” tão somente pelo fluxo cotidiano dominante das relações e interações vigentes, sejam elas sociais, econômicas, políticas ou culturais. Na relação entre corpo e cidade, o indivíduo pode posicionar-se perante a sociedade, na tentativa de traçar melhor seu caminho e destino em consonância com seus desejos, sobretudo quando o cenário contemporâneo lhe apresenta inúmeras possibilidades de enxergar o mundo, sem determinismos ou encapsulamentos.

Todavia, é preciso atentar para os aspectos ideologizantes da política e da cultura, principalmente quando se vive em um ambiente propício à despolitização e a homogeneização cultural. Nesse sentido, o que se precisa destacar é a importância de uma tomada de consciência pela sociedade, na

perspectiva de construção e de fortalecimento de seu papel de protagonista no processo de desenvolvimento dos lugares. Essa é uma via complexa, mas que carece de debate, sobretudo quando se enxerga um mundo em que reinam cada vez mais “o medo do outro”, a substituição dos sentimentos humanitários pelo enriquecimento material, as “relações virtuais” no lugar dos “encontros face a face” (YOUNG, 2002) e a banalização da vida no planeta. Em que contexto, então, se insere a relação corpo e cidade?

## **2 CORPO E CIDADE NO CONTEXTO PÓS-MODERNO**

Os teóricos da chamada pós-modernidade, termo utilizado meio a contragosto explicativo daqueles que defendem uma “modernidade tardia”, ou até mesmo a perpetuação da modernidade em outros moldes, afirmam que, do ponto de vista cultural, a contemporaneidade já não se assenta mais sobre inabaláveis bases explicativas, muito menos em estruturas analíticas intransponíveis (LYOTARD, 1998). O mundo mudou e, com ele, mudaram também as formas de enxergá-lo, de explicá-lo, de vivenciá-lo.

Para Jameson (2006), pode-se dizer que a sociedade contemporânea é pós-moderna, pois caracterizada pela lógica cultural do capitalismo tardio. Capitalismo este explicado por Mandel (1982) como sendo aquele forjado no bojo das transformações socioeconômicas e políticas do pós II Guerra Mundial, em que o capitalismo se recrudesce, exacerbando sua faceta financeira, internacional, e talvez mais dura, uma vez que suas contradições se apresentaram de maneira ainda mais latente.

O capitalismo tardio se apresenta como o responsável pela expansão das grandes corporações multinacionais, a globalização dos mercados de trabalho, o consumo de massa e a intensificação dos fluxos internacionais de capital em busca dos chamados superlucros, alcançados por meio das rendas tecnológicas. O mundo torna-se o espaço por excelência da tecnologia e da comunicação.

Assim, o pós-modernismo surge no bojo da construção de uma nova sociedade no pós II Guerra, mais especificamente na década de 70, consolidando-se nas décadas seguintes. Chamada de pós-industrial, do consumo, das mídias, da informação, da eletrônica, do universo high tech, etc., essa sociedade se vê diante da necessidade de adotar novas posturas, novas leituras e novas experiências perante o mundo em que vive.

Esse processo se solidifica com a chamada globalização, por meio da qual a sociedade passa por constantes e rápidas transformações, e onde,

segundo Jameson (2006), o mundo é o lugar onde a cultura se transformou em uma segunda natureza, atrelando-se diretamente à lógica da mercadoria.

O contexto é, portanto, de turbulências e, deste modo, o termo pós-modernismo é por si só carregado de controvérsias. O autor alerta, desta maneira, para o fato de que o mundo não é mais aquele de bases modernas. Contudo, a complexidade construída em torno do que seja pós-modernismo impede, *a priori*, a determinação de um conceito preciso. O pós-modernismo está ligado, então, a uma cultura processual, em que as “coisas” e as pessoas, num mundo de capitalismo globalizado e extremamente transformador, não estão fadadas a um fim último ou restritas a si mesmas, mas antes se configuram como rupturas, reconstruções, eventos ou instantes reveladores que parecem estar sempre numa dinâmica de construção de novos processos.

Anderson (1999), por sua vez, ao tomar como referência a obra de Jameson, diz que a pós-modernidade não é somente uma ruptura estética ou uma mudança epistemológica. Ela é um “sinal cultural” de um novo estágio do modo de produção capitalista, mais “avançado”, mais recrudescido. Esse “novo mundo” assenta-se na lógica cultural do capitalismo multinacional, caracterizado pelo desmoronamento da modernidade, pela assunção de uma sociedade do espetáculo, por uma revolução nas artes e por uma política atrelada como nunca às facetas da economia de mercado.

Para o autor, o pós-modernismo — em contraposição ao modernismo, marcado pela excessiva confiança na razão, nas grandes narrativas utópicas de transformação social e no desejo de aplicação mecânica das teorias abstratas à realidade — é marcado pela explosão tecnológica da eletrônica e seu papel como principal fonte de lucro e inovação, pelo domínio das multinacionais, pelo imenso crescimento da especulação internacional e pela ascensão dos conglomerados de comunicação com o poder sem precedentes sobre toda a mídia, ultrapassando fronteiras.

Todavia, apesar de tudo isso ter transformado radicalmente as relações sociais na sociedade contemporânea, Anderson destaca que a mudança mais fundamental está no horizonte existencial da própria sociedade, na medida em que a natureza perde a posição que tinha na modernidade, enquanto a cultura ganha centralidade, a ponto de tornar-se coextensiva à economia, pois na pós-modernidade todo objeto material ou serviço vira, irremediavelmente, uma marca trabalhável ou um produto vendável. Ou seja, tudo vira mercadoria.

Tal argumento é facilmente justificável se nos detivermos, em específico, às reflexões referentes à questão ambiental planetária. A natureza, enquanto espaço onde se localizam os recursos necessários à sobrevivência do homem como animal instintivo, não assume mais um lugar de destaque. Muito embora vivamos num contexto social de discussões sobre a importância da retomada de uma consciência “natural”, “ambiental”, “verde”, “de proteção da vida”, etc., o que prevalece é uma lógica predatória de convivência humana pautada nos princípios que regem o sistema socioeconômico no qual vivemos, princípios esses que condizem pouco com a ideia de conservação da natureza.

Afirmam os antropólogos que nem a biologia, nem a geografia determinam o comportamento dos indivíduos. Este depende, sobretudo, de um processo de aprendizagem, cujos hormônios ou o meio ambiente em que vivem não são os aspectos determinantes desse comportamento, mas sim a educação cultural que cada um deles obtém (LARAIA, 2009).

Nesse sentido, a cultura prevalecente na pós-modernidade é a que molda os indivíduos no sentido do consumo e da transformação constante, impactante e extremamente rápida. Para além daquilo que os une do ponto de vista da natureza, tanto no que se refere à essência comum dos homens (instinto animal), como ao meio ambiente natural, a cultura pós-moderna impinge uma lógica que prima pela diversidade, pela rapidez e pela superação dos “caminhos únicos”.

Deste modo, como bem aponta Stuart Hall (2005), no mundo pós-moderno, as velhas identidades estão arrefecendo, dando lugar a novas experiências identitárias que, por sua vez, oportunizam a assunção de processos fragmentadores do indivíduo. Ou seja, a identidade do sujeito no pós-modernismo é móvel, mutante, avessa à condição de permanência, de certeza e de continuação. As identidades fixas e estáveis do iluminismo foram esfaceladas no pós-modernismo “descentrando” o sujeito, o que resulta, por conseguinte, em identidades abertas, contraditórias e inacabadas.

Esse debate possui uma nuance espacial. Hall esclarece que essa fragmentação identitária também pode se aplicar às nações. As culturas nacionais também vêm passando por processos de transfiguração. Num plano micro, essa discussão pode perfeitamente se adequar à relação de identidade do indivíduo com seu lugar de origem, com seu espaço físico existencial, sua cidade.

Nessa perspectiva, não é somente o sujeito que perde a sua “centralidade”, se desloca ou se fragmenta, mas também as culturas das nações. Em tempos de globalização, os processos que são engendrados por esta conformam uma realidade de esfacelamento das identidades culturais nacionais, uma vez que essas culturas são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas. Assim, a desfragmentação, a contestação e o deslocamento das culturas nacionais na globalização é algo inexoravelmente patente.

Mas por outro lado, a própria globalização gera um efeito dialético no que tange às identidades. Esse efeito tem a ver, segundo Hall, por um lado, com a emergência do local como “espaço da tradição”, como espaço da retomada da noção de “viver em conjunto”, em contraposição a tudo que a globalização quer esfacelar; e por outro, com a proeminência da “lógica da tradução”, da aceitação da ideia de que as nações caminham mesmo rumo às novas formas de identidades culturais oriundas dos processos desintegradores da globalização.

Isso gera o que Hall chama de “culturas híbridas”, que oscilam entre a “tradição” e a “tradução”, entendidas como identidades culturais de corte tipicamente pós-moderna. É desta forma que ocorre o “descentramento do sujeito”, resultante dos intensos fluxos produzidos nas paisagens culturais em tempos de pós-modernismo. Essas paisagens se fragmentam e se pluralizam, levando junto com elas o sujeito pós-moderno.

Diante do exposto, a pós-modernidade é como um mosaico de possibilidades e contradições; é uma lógica cultural de um estágio avançado do capitalismo, onde o processo toma o lugar do resultado, onde o meio é mais visado que o fim, onde o happening e a performance ganham evidência como um tipo de “alternativa” a arte moderna elitista e onde a cultura ganha evidência em relação à natureza. Nesse sentido, a identidade cultural do pós-modernismo é plural e estimuladora de um saber que proporciona um reconhecimento individual diante do mundo que parece situar-se num lugar entre a ordem e o caos, como o caórdico de D. Hock (2006).

A identidade cultural da pós-modernidade faz os indivíduos revisitarem a inexorabilidade de suas afirmações. Conceitos são revistos e a máxima marxiana de que “tudo o que é sólido se desmancha no ar” ganha como nunca eloquência experiencial. Quem somos nós, de onde vimos e pra onde vamos parecem questões atualíssimas em face de uma cultura que prima pelo efêmero, pela diversidade e pelo questionamento às verdades absolutas.

A despeito de todas as controvérsias em relação ao conceito de pós-modernidade, o fato é que a sociedade contemporânea se diferencia da moderna no quesito “fixidez”. É nessa diferença que se assenta a relação corpo e cidade no contexto pós-moderno. A pós-modernidade oferta ao indivíduo novas possibilidades de experiência com o espaço, com seu lugar, com sua cidade. As vivências que o urbano oferece ao corpo acompanham o ritmo frenético das mudanças culturais do mundo atual.

No mundo pós-moderno, por exemplo, a estética corporal muda, o corpo vira mercadoria estampada em letreiros luminosos pelas cidades, na televisão, na mídia em geral, ao passo que também é controlado, legislado, adestrado a um comportamento convencionalmente dito como o certo.

O corpo também se volta para si, privilegiando um comportamento “hedon(ego)ista”. Hedonista, pois, em seu dia-a-dia, os indivíduos parecem buscar apenas um prazer muito específico: o da satisfação plena de seus desejos materiais; um “gozo concreto” a partir de seu poder de compra. Egoísta, pois, cotidianamente, os “humanóides” se revestem de um individualismo tal que, por vezes, perde até a característica pura de seres humanos/vivos. Parecem “zumbis” perambulando num mundo imaginário de “mercadorias vivas” como alvo absoluto do prazer imediato e efêmero.

O hedon(ego)ismo relaciona-se também com o que Bauman (2008) diz sobre a o desmoronamento das seguranças do mundo moderno e o clima de ansiedade do mundo contemporâneo. Vive-se um clima de terror tal, que obriga a humanidade a viver sob a égide do medo. Nessa perspectiva, o corpo é vítima de seu meio: vive-se com medo de ataques à integridade física, à estabilidade material e ao posicionamento social. O corpo precisa assegurar-se do mundo. Para isso, tudo é possível, inclusive abdicar dos encontros presenciais, substituindo-os pelos virtuais (BAUMAN, 2004; YOUNG, 2002). O corpo virou objeto virtual, apesar de milhões deles se esbarrarem cotidianamente no frenesi de seus lugares.

Mas o corpo não é só vítima; é também protagonista da transformação. O corpo que é acometido pelas agruras de um transporte público coletivo caótico e sem estrutura, é o mesmo que vai às ruas reivindicar contra o aumento do preço da passagem de ônibus, como ocorreu recentemente em todo o país. O corpo que sofre com os engarrafamentos, é o que luta pela construção de mais ciclovias nas cidades, contribuindo para a redução do número de automóveis nas ruas e menos poluição. O corpo que sofre com estupros e violência doméstica é o mesmo que organiza a Marcha das Vadias e luta pela plena aplicação da Lei Maria da Penha. O corpo que sofre com

o preconceito, é o mesmo que milita pelo respeito às cotas raciais e fim das desigualdades entre negros e brancos, bem como pela aprovação da PL 122, que criminaliza a homofobia. O corpo que vê sua terra sendo tomada por grandes latifundiários, é o mesmo batalha pelo direito dos povos indígenas. O corpo que experimenta todo esse turbilhão de sensações, é o mesmo que interfere no espaço por meio da arte de rua, seja dançando, encenando, cantando ou pintando.

Essas e outras iniciativas demonstram o potencial de mobilização de corpos num modelo de cidade regido por um sistema que segrega e exclui a partir do espaço e da não garantia de direitos. O corpo é afetado pela cidade, ao mesmo tempo em que tenta modifica-la. O corpo se transforma não somente no sentido da adaptação, mas também se posicionando perante o meio; colocando-se de maneira pró-ativa, o enfrenta, o questiona, impele a mudança desse meio por meio de seu posicionamento, de sua postura avaliadora, reflexiva e crítica. Corpo e cidade estão, portanto, coimplicados numa relação processual de reciprocidade contínua.

### **3 CORPO E CIDADE NO SERTÃO PERNAMBUCANO**

Ariano Suassuna, em entrevista concedida no documentário *O povo brasileiro*, baseado na obra homônima de Darcy Ribeiro, afirma que a beleza do sertão nordestino está relacionada ao “grandioso”. O sertão é impactante. Ele surpreende não pela graciosidade ou delicadeza, mas pela imensidão e força de sua magia e de sua gente.

Com base nessa percepção — a de que o sertão nordestino, por sua grandiosidade e diversidade cultural, pode refletir questões sintetizadoras da relação corpo e cidade, inclusive com rebatimentos a outros espaços, como os grandes centros urbanos —, é que esse estudo tomou como recorte espacial de análise as cidades de Ipubi, Trindade, Ouricuri, Bodocó e Exu, integrantes da região do Araripe pernambucano.

Realizado a partir da leitura de 150 jovens sobre suas cidades, oportunizada por meio da apresentação de experimentos artísticos, de debates coletivos e de grupos focais, esse estudo sintetiza e analisa a opinião do segmento juvenil sobre os desejos que os circundam em relação ao seu lugar de origem e de moradia, bem como no que tange àqueles outros lugares que gostaria de “experimentar”, seja por não gostar de sua cidade, seja por vontade de sair, estudar e voltar para contribuir com o desenvolvimento desse espaço.

A pesquisa foi realizada no âmbito do Laboratório de Estudos, Experimentos e Vivências em Artes Cênicas e Cidades (Laborarte), que congrega alunos do ensino médio, técnico e tecnológico do IF Sertão PE (Campus Ouricuri), durante os meses de novembro/2012 a junho/2013.

A matriz metodológica dividiu-se em duas etapas. A primeira consistiu na criação coletiva de um vídeo documentário e de um experimento cênico, em que o roteiro, as filmagens e o texto foram gerados por onze atores do Laborarte debruçados sobre o tema da relação corpo e cidade, com foco em Ouricuri. As fontes utilizadas foram as vivências e observações sobre o lugar onde vivem, o cotidiano, o repertório pessoal e o imaginário de cada um dos atores.

Esse conjunto de percepções e informações foi mediado por jogos teatrais que visaram estimular a criatividade e pôr numa mesa de debate tudo aquilo que poderia ser levado para o filme e para o palco. Os resultados obtidos foram apresentados duas vezes à comunidade de Ouricuri, bem como para alunos e professores do Campus local do IF Sertão PE. Esses dois resultados apresentam uma primeira leitura das nuances que a relação corpo e cidade/indivíduo e espaço apresentam aos que vivem essas relações, mas que não conseguem perceber no imediato do dia-a-dia.

A segunda etapa veio após as apresentações e versou não somente sobre Ouricuri, mas também sobre Ipubi, Trindade, Bodocó e Exu. Seguidas de debates abertos ao público e discussões em sala de aula (estas últimas no formato de grupos focais), as apresentações do vídeo e do experimento, intitulados *Nosso chão de estrelas*, visavam a projeção dialógica do conhecimento construído pelos alunos à comunidade em geral, bem como construir um espaço de coleta de dados e informações das percepções dos espectadores a respeito de seus lugares para, em seguida, fundamentar uma análise sobre a relação corpo e cidade no sertão pernambucano.

Nesse sentido, três aspectos nortearam a pesquisa, a dizer: 1) a arte, referindo-se ao processo de criação coletiva em si; 2) o diálogo social, que diz respeito ao intercâmbio de conhecimentos entre Laborarte e comunidade; e 3) a construção de novas ideias, que trata das reflexões obtidas a partir dos experimentos artísticos e dos debates sobre os mesmos, o que por sua vez trouxeram novas percepções e conhecimentos aos envolvidos no processo de criação artística e de pesquisa.

### 3.1 A arte

O corpo é objeto da arte. É inspiração, ao passo que também é instrumento. O sertão possibilita inúmeras formas do corpo se expressar. No entanto, a cultura que molda o indivíduo sertanejo, por vezes, o engessa. Alguns costumes da cultura do sertão nordestino podem dificultar, caso não sejam rediscutidos ou revisados, a construção coletiva de uma nova ideia por meio da arte. No processo aqui analisado, três elementos necessitaram ser revistos: o medo do corpo alheio, o cômico como única forma de expressão e o teatro como terapia.

Um simples abraço ou um beijo no rosto entre homens é motivo de travamento. Homens e mulheres em jogos teatrais que visam estimular a confiança por meio de uma queda livre, em que um terá que amparar o outro, é motivo de enrijecimento dos joelhos, truncando a queda e fazendo o corpo pesar ainda mais. “Esse teatro é para gay!” “Eu não consigo confiar; ele vai me derrubar!”

O medo do corpo alheio expresso por um tipo específico de rusticidade é algo bastante presente no sertão, costume que vem a ser fortalecido por uma cultura em que “macho que é macho não toca o corpo de outro macho” ou que “só eu sou capaz de fazer isso”. O corpo sertanejo, captador de um sol hostil e habitante de um ambiente inóspito, encapsula-se em costumes difíceis de serem modificados, gerando em alguns momentos desconfianças, preconceitos e desistências.

Deste modo, no âmbito de um processo de construção coletiva da arte, as teorias do “corpo disciplinado” de Foucault ou do “corpo controlado” de Deleuze encontraram no sertanejo “diante de si e com o outro” um expressivo instrumental de confirmação.

Outro elemento que cabe um destaque é a ideia de que há uma ligação direta e unilateral entre teatro e comicidade. O processo mostrou que há um espectro dominante de que o que quer se faça no âmbito das artes cênicas, tem que ser necessariamente engraçado. A comédia pastelão e a imitação pela imitação, sem qualquer reflexão e muitas vezes estereotipadas, predominavam na visão cênica geral dos participantes.

Contudo, na dinâmica de leitura da cidade, alguns temas se mostraram dramáticos e sérios o bastante para que os debates realizados durante a criação coletiva fizessem chegar a uma nova ideia de encenação: o cômico é importante, mas não em todas as situações. É imprescindível que o exercício da criatividade vá além do que já se sabe ou se imagina sobre ela. Isso

estimula o autoconhecimento, o aprendizado e oportuniza novos trajetos e criações artísticas.

O terceiro elemento que necessitou de uma atenção maior foi a visão de que o teatro é uma “terapia relaxante”. A ideia de que jogos teatrais são meros momentos de descontração ou brincadeiras para “desestressar” precisou ser modificada até se chegar à concepção de que, na realidade, eles são componentes de uma metodologia específica para se chegar a um objetivo predeterminado, no caso aqui, uma leitura do seu lugar a partir da relação corpo e cidade.

Essas questões percebidas e debatidas ao longo do processo de criação coletiva foram de suma importância para o alcance dos resultados obtidos. São questões culturais do povo sertanejo que a metodologia possibilitou identificar e que no decorrer do trabalho, ao serem debatidas e, por conseguinte, reconduzidas, oportunizaram o surgimento de novas ideias, novas concepções e novas criações artísticas. Assim, chegou-se à construção do vídeo documentário e do experimento cênico *Nosso chão de estrelas* com conteúdo bastante crítico, cujo mote, pode-se dizer, teve caráter híbrido, bem dentro do conceito de “culturas híbridas”, de Stuart Hall.

Identificou-se a percepção, e esta foi levada para o vídeo e para o experimento pelos jovens, de que o sertão desperta em seus corpos sentimentos de “quereres” e de “repulsas”, ao passo que também faz emergir desejos transformadores de “rever a repulsa” para “instigar o querer”. Ou seja, o jovem quer mudar o sertão, transformando a “lógica da tradução” numa dinâmica de valorização dos “espaços da tradição”. São os reflexos da pós-modernidade falcando o chão do povo sertanejo.

No entanto, isso não quer dizer que haja um interesse em perpetuar a tradição por si só. Há no jovem sertanejo “novos desejos”, novas criações, novas percepções, que podem até ser camufladas — pelo interesse, por exemplo, da mídia, que insiste em divulgar a imagem de que o sertão é só casa de taipa, chão rachado e miséria —, mas que não estão latentes em meio ao segmento juvenil. O jovem sertanejo quer Luiz Gonzaga, mas quer junto com seu maior expoente artístico, a dança de rua, o hip hop, o rock, a música americana, os seriados ingleses da TV a cabo e o direito de se expressar de maneira diferente e de ser respeitado nesse seu direito.

O exercício de criação coletiva em que o indivíduo se posiciona perante seu lugar pode mostrar, enfim, o “descortinar” da cidade. Um processo como esse possibilita que o corpo enxergue, por meio da arte, o que há por trás das imagens e dos símbolos já conhecidos.

Uma igreja matriz, por exemplo, que no sertão é algo de extrema importância para os habitantes, não é somente uma fachada histórica, um lugar de novena ou de partida de procissão. Ela pode ser também, em suas calçadas, um lugar de moradia de gente em situação de rua, infinitas vezes escamoteadas pela cegueira dos transeuntes que, na era da pós-modernidade, se acostumaram a conviver naturalmente com pessoas excluídas de seus direitos sociais.

A torre do sino dessa mesma igreja pode ser abrigo de pardais invisíveis aos olhos daqueles que deixam de ouvir seus cantos, preferindo o abate pela mira de uma baladeira. O fato é que o sertanejo na contemporaneidade não convive somente com seca e gado morto pelas estradas. Convive também com problemas sociais de vulto digno dos grandes centros urbanos.

Salvaguardando as devidas proporções, é possível citar o trânsito caótico, a preferência pelos transportes individuais, a precária condição das estradas, o tratamento inadequado do lixo, a contaminação de mananciais por esgotos, a ausência de espaços destinados ao esporte e ao lazer, a corrupção, a exploração sexual de crianças e adolescentes, a deficiência na prestação de serviços públicos, como saúde e educação, dentre tantos outros.

Ou seja, as graves questões já saturadas nas grandes cidades, estão presentes na vida do sertanejo de maneira expressiva. Porém, sem tomar plena consciência disso, o sertão caminha ainda sendo visto tão somente como lugar de seca, fome e pobreza. Já há uma necessidade de um trabalho preventivo para que esses problemas não se agravem ainda mais, conferindo a urgência de se enxergar essas cidades de maneira sistêmica.

A região do Araripe pernambucano possui uma interligação espacial na medida em que as cidades que o compõem mantêm vínculos funcionais entre si. Essa questão, que foge do debate aqui proposto, carece de pesquisa mais apropriada. No entanto, esse lampejo reflexivo nos ajuda compreender melhor as conclusões aqui obtidas, uma vez que as cidades pesquisadas possuem características comuns e, assim, levam os jovens a terem uma visão bastante coesa sobre seus lugares.

A imagem positiva desses lugares também se faz presente nessa leitura. O espaço rural como ambiente de cultivo de uma lógica de vida completamente diferente do urbano ganha força diante da constatação de que o sertão, em seu viés citadino, não oferece condições de viver com aquilo que o jovem sertanejo também valoriza: a tranquilidade, a segurança e a

qualidade do que se consome, principalmente em termos alimentares. Está no espaço rural a vida ideal; embora se tenha também a consciência de que no urbano há mais oportunidades, inclusive de estudo e formação profissional.

Nesse sentido, é possível destacar que o jovem sertanejo percebe e deseja o novo num ambiente que perpetua a tradição, numa dinâmica híbrida de “quereres” e “repulsas”, onde corpos, por vezes travados, apontam para o despertar de novas ideias. Para tanto, é preciso que esses corpos sejam estimulados, tanto do ponto de vista íntimo, quanto social.

Corpos que se truncam diante do corpo do outro, num processo de criação coletiva, se permitiram ao toque. Indivíduos que nunca se deram conta de que em sua cidade havia moradores de rua, a partir de experimentos artísticos, perceberam a amplitude da desigualdade social. Jovens descrentes de seus lugares, enxergando-os como espaços de atraso, numa dinâmica articulada de reflexão e compreensão sobre arte e desenvolvimento, atentaram para a possibilidade de reivindicar melhores condições e oportunidades de formação em suas próprias cidades.

Assim se fez a arte numa amálgama específica de corpos e cidades.

### **3.2 O diálogo social**

A experiência urbana no sertão é diferente. Talvez seja ousado demais falar de uma vida urbana sertaneja, considerando que a maioria das cidades no interior possui um vínculo muito mais forte com uma vida rural do que com uma urbana.

No entanto, a região do Araripe pernambucano, pela ligação funcional entre suas cidades e pelas atividades econômicas (indústria gesseira e comércio/serviços) ali desenvolvidas — além da proximidade considerável com alguns polos urbanos regionais, como Petrolina-Juazeiro (PE-BA) e Crato-Juazeiro do Norte (CE) que irradiam urbanidades, e agora, recentemente, com as obras da Transnordestina, que vieram a dar outra movimentação de pessoas e de atividades econômicas ao Araripe —, mantém certas características que a anunciam como uma região que, mesmo mantendo um vínculo com o campo, com a roça, sustenta também um certo laço com um estilo de vida urbano.

No âmbito do segmento juvenil, esse laço pode ser explicado como resultado de um desejo em trazer para a região atividades de corte urbano,

sobretudo no que tange a duas áreas específicas: ensino/profissionalização e lazer/cultura.

A relação corpo e cidade no sertão do Araripe pernambucano, aos olhos dos jovens, tem como um de seus principais motes a clássica e difícil escolha entre “ficar” ou “ir embora”. Essa é uma questão que ainda perpassa o universo juvenil. O que fazer para estudar numa região em que o ensino ainda engatinha? Que oportunidades aproveitar? Onde e em que trabalhar? O que fazer nos momentos livres para se entreter? O que ver, o que escutar? Só beber?

O corpo do jovem oscila entre o “querer” ficar em sua terra natal, com seus amigos, familiares e todos os laços de proximidade construídos e a “repulsa” com tudo o que há de deficiente: educação, emprego, oportunidades.

Contudo, há de se destacar que a força desejante predominante é o “ficar”. Mesmo que por vezes escamoteado pela realidade difícil, pela falta de oportunidades e o conseqüente pensamento de “ir embora”, o ficar e o melhorar a realidade predomina no imaginário juvenil e na relação cotidiana com seus lugares de origem.

O corpo sertanejo não é mais tão servil, obediente e cabisbaixo como os dos retirantes e dos trabalhadores rurais que viviam sob o julgo das oportunidades precárias e dos coronéis de outrora. A baixa auto-estima coletiva do nordestino vem dando lugar a atitudes mais pró-ativas no sentido da mudança. Claro que não se pode falar de uma transformação abrupta e radical rumo a uma nova cultura política e de desenvolvimento do Nordeste. Isso é um processo que requer tempo e um projeto coletivo de região que mude os processos vigentes.

Contudo, o diálogo do povo nordestino com seu lugar vem sendo modificado quando se observam, por exemplo, estudantes indo às ruas reivindicar melhores condições de ensino; mulheres se organizando para lutar contra a violência doméstica; trabalhadores rurais situações de exploração que não se contentam mais em ganhar um salário abaixo do mínimo em, considerando que já ganham o mínimo pra sobreviver com a contribuição dos programas governamentais de transferência de renda; eleitores indignados e mudando seus votos por causa de prefeitos corruptos.

O corpo nordestino na pós-modernidade não é mais tão subserviente quanto o era há décadas atrás. Já há uma reflexão de que a relação indivíduo e lugar/corpo e cidade precisa ser estimulada. O jovem sertanejo compreende a existência de uma ligação histórica entre sertão e grandes cen-

tros urbanos, mas essa compreensão não é mais, em sua totalidade, unívoca. Em outras palavras, o jovem sabe que “ir embora para estudar em Recife” é uma possibilidade, mas não é a única.

A juventude acredita que, com as novas conquistas obtidas no campo educacional, como a Universidade Federal do Vale do São Francisco e o Instituto Federal do Sertão Pernambucano, por exemplo, é possível estudar mais perto de casa e contribuir com o desenvolvimento da região. Por outro lado, ainda se identifica a vontade de “ir para Recife”, mas sempre na perspectiva de “voltar pra casa” depois que terminar o curso.

O sertão tem suas qualidades; não é só seca ou miséria, chão rachado ou casa de taipa. “Continuar” ou “sair do sertão e depois voltar pra ele” é uma perspectiva bastante presente no discurso do jovem sertanejo. No sertão tem cultura, tem chuva que demora mas um dia vem, tem agricultura orgânica, tem atrativos ecológicos, tem loja de instrumentos musicais, tem projetos culturais, tem museus, tem teatro e tem dança, literatura de cordel, hip hop e baião.

Deste modo, é possível sublinhar que, em meio a todas essas questões, tem-se observado uma ampliação do diálogo social entre indivíduo e espaço/corpo e cidade, traduzido por meio da percepção de que há, num primeiro momento, uma maior e melhor compreensão das pessoas sobre as características, tanto positivas quanto negativas, de seu lugar de origem e, num segundo momento, uma disposição em contribuir com as mudanças necessárias para a conformação de uma melhor convivência com esse lugar.

Tal conclusão pode ser facilmente constatada ao se analisar o conteúdo do vídeo documentário e do experimento cênico criados em torno dessa discussão.

Ao mostrar as situações e as partes da cidade de Ouricuri que mais sintetizam os sentimentos dos jovens envolvidos em sua criação, o vídeo congregou imagens dos principais marcos simbólicos da cidade, a igreja católica matriz de São Sebastião e as praças públicas da cidade, bem como as ruas movimentadas de carros e caminhões, a feira livre, o espaço rural, crianças brincando em lixões, moradores de rua e esgotos a céu aberto.

A compreensão síntese do vídeo construída pelos jovens, tanto os criadores quanto os que o viram nas apresentações públicas, foi a de que a cidade precisa de cuidados e de reparos rápidos. No entanto, a cidade, em sua situação precária, é de responsabilidade de todos os cidadãos. A compreensão de que o descaso dos gestores é fato veio consubstanciada por

outra compreensão: a de que também é fato que os gestores se tornaram gestores por vontade e pelo voto dos cidadãos.

Essa reflexão representa uma ampliação da consciência de que algo precisa mudar, a começar pela atitude dos indivíduos perante seu lugar. Nesse sentido, foi extremamente significativo e emblemático observar o quanto os moradores em situação de rua e as crianças pobres são invisíveis à sociedade. Corpos dormindo ao relento e crianças brincando em lixões são alvos ou de descaso ou de desprezo.

Ao se atentarem para essas cenas, os jovens em debates após as apresentações e depois em sala de aula perceberam o quanto essa realidade é chocante ao mesmo tempo que é imperceptível. Como se nunca tivessem observado que isso é uma realidade bastante presente no cotidiano das pessoas em suas cidades.

O experimento cênico trouxe a história de uma jovem sertaneja que, após morar certo período na cidade grande, resolve voltar para sua terra natal e lá estabelecer em definitivo sua vida. Construído a partir de debates sobre a percepção dos jovens a respeito da relação corpo e cidade no sertão, esse experimento mostrou o dilema do “ficar” ou “ir embora”, do “voltar”; o reencontro com as origens, com os laços de proximidade constituídos na infância; a valorização das belezas do sertão, jamais encontradas na cidade grande; a crítica às situações precárias; e a esperança de que, apesar das adversidades, é possível conviver com o sertão, modificando o que for preciso e preservando o que for importante.

A cena do morador de rua que precisa de cuidados, mas recusa a ajuda da jovem que voltou para o sertão, por desconfiança e revolta com as pessoas da cidade, foi a que mais causou impacto, sendo motivo à maioria dos debates.

O corpo não só se desmotiva com a cidade; ele pode se revoltar contra ela. Daí a grande justificativa para o “ir embora” do jovem. “Se não há nada aqui para fazer, vou-me embora!” Contudo, perceber que a cidade precisa de ajuda, de cuidados, de reparos, que ela é seu lugar e que, por isso, é preciso contribuir de alguma forma para que ela melhore, pode ser um significativo estimulante para o “ficar”.

Assim, o diálogo social foi estabelecido. Claro que longe do ideal ou do necessário, mas um trabalho de imersão na comunidade, de intercâmbio de conhecimentos e problematizações acerca da realidade, no sentido de promoção da reflexão, pode oportunizar um ensejo interessante rumo a uma leitura do espaço e a uma maior compreensão de que corpo e cidade

estão coimPLICADOS numa dinâmica processual de transformações socioculturais e espaciais, por meio da qual a vida dos indivíduos e o significado dos lugares adquirem uma característica singular na contemporaneidade: a imbricação e a mudança de sensações.

### 3.3 A construção de novas ideias

Historicamente, o Nordeste sempre foi visto como lugar de seca e miséria. Para Albuquerque Jr. (2001, p. 20), o Nordeste é estereotipado e assim nascido de “[...] uma caracterização grosseira e indiscriminada, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas em nome de semelhanças superficiais”. Desde o início do século XX, a região é vista como decadente, onde predominam o arcaico e o obsoleto, prevalecendo um “regionalismo de inferioridade”.

A seca e o “povo sofredor” tornam-se, deste modo, a principal construção imagética da região. Domina, portanto, uma imagem pejorativa que torna o Nordeste e os nordestinos “filhos da seca”: produto imagético-discursivo de toda uma série de construções sociais produzidas a respeito deste fenômeno e que estipulou “verdades regionais”. “O Nordeste quase sempre não é o Nordeste tal como ele é, mas é o Nordeste tal como foi nordestinizado” (Id., p. 20).

O autor assume a tese de que é necessário renunciar as continuidades para que seja possível pensar o diferente, o novo. É preciso quebrar a perpetuação — e isto pode se dar através da arte — de um Nordeste que significa seca, miséria, injustiça social e atraso econômico. É importante, assim, fugir do discurso da súplica, criando “novas vozes”, “novos olhares” e “novas espacialidades de poder e de saber” capazes de alavancar a mudança.

A análise da construção de novas ideias pelos jovens sertanejos no processo de pesquisa no Araripe pernambucano coaduna-se com a reflexão proposta pelo autor. O processo de criação coletiva, de leitura da cidade e de análise da relação corpo e cidade se mostrou questionador dessa imagem do sertão como lugar de atraso e pautado numa identidade inferiorizante. Existe a clareza de que a região tem deficiências, mas essa constatação não é mais um obstáculo inexorável à mudança.

Por mais que a região tenha sido, ao longo dos séculos, *locus* da ausência de dinamismos, em grande medida devido à atuação hegemônica e autoritária de tradicionais grupos políticos e econômicos, para o jovem

sertanejo contemporâneo, o sertão pode e deseja vivenciar processos reconfiguradores numa amálgama de respeito à tradição e construção de novas ideias e oportunidades.

Transpondo barreiras, sejam climáticas, político-econômicas, culturais ou sociais, o sertão pernambucano, no âmbito do segmento juvenil, tem apontado para um cenário importante de mudanças, tanto do ponto de vista íntimo (como indivíduo parte de um todo, expressando desejos mais atentos às coletividades), quanto do ponto de vista da relação com seu espaço, entendendo esse espaço como algo a ser cuidado, preservado, melhorado.

O jovem sertanejo, portanto, mostrou-se mais aberto à transformação. Acompanhando, num ritmo frenético, o clima de mudança vivido por todo o país, em que o povo voltou a ocupar as ruas reivindicando direitos, o jovem sertanejo, estimulado por momentos de reflexão sobre a relação corpo e cidade, colocou-se disposto a contribuir com a construção de novas ideias, novos processos, novas oportunidades, num interesse claro em compreender melhor a realidade para, então, transformá-la.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo é processual. Não cabe, assim, um desfecho conclusivo. Por ora, os versos de Marcela Moura, jovem poetisa sertaneja, sintetizam muito o espírito dessas palavras finais.

A vida no sertão  
Vou te dizer, não é fácil não  
Vivemos no verão o ano todo  
Mesmo assim, não me disperso desse lugar maravilhoso  
Sertanejo é minha vida  
O sertão é meu lugar  
Suas histórias, terra querida  
Se você não existisse, onde poderia eu morar?

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Perry. *As origens da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. São Paulo: J. Zahar, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.

- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1986.
- BRITTO, Fabiana Dultra. Co-implicações entre corpo e cidade: da sala de aula à plataforma de ações In: JACQUES, Paola Berenstein; BRITTO, Fabiana Dultra. (Org.). *Corporcidade: debates, ações e articulações*. Salvador: EDUFBA, 2010.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede (A era da informação: economia, sociedade e cultura)*, v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 18. ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- HARVEY, David. O corpo como estratégia de acumulação. In: Id. *Espaços da esperança*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- HOCK, Dee. *O nascimento da era caórdica*. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- JAMESON, Frederic. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 2006.
- JAMESON, Frederic. *Modernidade singular: ensaio sobre a ontologia do presente*. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 2005.
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Olimpo, 1998.
- MENDES, Cláudio Lúcio. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, EDUFSC, n. 39, p. 167-181, abr. 2006.
- YOUNG, Jock. *A sociedade excludente: exclusão social, criminalidade e diferença na modernidade recente*. Rio de Janeiro: Revan: Instituto Carioca de Criminologia, 2002.
- MANDEL, Ernest. *O capitalismo tardio*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.